



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 30/08/2019 a 05/09/2019

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Aluna ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
30/08/2019	8,57	289,30	28,64	4,51	3,58
02/09/2019	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
03/09/2019	8,56	288,00	28,87	4,47	3,49
04/09/2019	8,62	292,20	28,79	4,56	3,46
05/09/2019	8,49	288,70	28,47	4,64	3,46
Média	8,56	289,55	28,69	4,54	3,50

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	83,50	ND
RS - Santa Rosa	83,00	ND
RS - Ijuí	83,00	ND
PR - Cascavel	82,00	ND
MT - Rondonópolis	79,00	ND
MS - Ponta Porã	78,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	77,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	78,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	141,00	ND
Paraguai (FOB)**	125,00	ND
Paraguai (CIF)**	159,00	ND
RS - Erechim	39,00	ND
SC - Chapecó	38,50	ND
PR - Cascavel	32,50	ND
PR - Maringá	32,50	ND
MT - Rondonópolis	27,00	ND
MS - Dourados	28,50	ND
SP - Mogiana	34,50	ND
SP - Campinas (CIF)	37,00	ND
GO - Goiânia	28,00	ND
MG - Uberlândia	34,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	780,00	ND
RS - Santa Rosa	780,00	ND
PR - Maringá	875,00	ND
PR - Cascavel	850,00	ND

Período: 04/09/2019

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 05/09/2019**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	32,68	77,62	41,45

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
05/09/2019**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	43,23
Feijão (saco 60 Kg)	136,76
Sorgo (saco 60 Kg)	26,97
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,60
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,28**
Boi gordo (Kg vivo)*	5,36

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) média gaúcha cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações em Chicago, neste início de setembro, após uma tentativa de reação, voltaram a recuar fechando a quinta-feira (05) em US\$ 8,49/bushel, contra US\$ 8,59 uma semana antes. A média de agosto caiu para US\$ 8,56/bushel, ante US\$ 8,85 em julho e US\$ 8,61 em agosto do ano passado.

Dois principais aspectos movimentam Chicago neste momento. O primeiro diz respeito à safra nova dos EUA, a ser colhida a partir deste final de setembro. Há muitas indefinições quanto ao volume a ser colhido, assim como a produtividade a ser obtida, dadas as diferenças de informações entre a iniciativa privada e as estatísticas do governo. Neste sentido, o mercado espera com expectativa crescente o relatório de oferta e demanda do USDA, previsto para este próximo dia 12/09.

O segundo aspecto está relacionado com o litígio comercial entre EUA e China, o qual já dura quase dois anos. Apesar da possibilidade de um retorno das negociações entre os dois países, as compras de soja por parte da China se reduziram. Assim, até o final da corrente semana apenas 4 milhões das 6,6 milhões de toneladas programadas foram compradas pelos chineses. Em paralelo, o esmagamento de soja chinês está baixo já que o consumo de farelo diminuiu sensivelmente, devido a peste suína africana que atingiu o rebanho suinícola daquele país e de outros países asiáticos.

No final da semana o quadro melhorou um pouco diante de declarações do presidente dos EUA de que poderia haver um acordo com a China, porém, os chineses não confirmam. Além disso, parece cada dia mais claro que a China não forçaria as negociações esperando o término do mandato de Donald Trump, no final de 2020, na expectativa de que um novo governo assumira nos EUA e, com ele, venha a ser mais vantajoso negociar.

Enquanto isso, o governo dos EUA continua subsidiando seus produtores agrícolas visando compensar as perdas devidas ao litígio comercial com a China.

Por sua vez, as exportações de soja por parte dos EUA não foram boas, atingindo a 95.200 toneladas na semana do 22/08, isto para o ano 2018/19, que se encerra em 30 de setembro próximo. Já para o ano 2019/20 as mesmas atingiram 353.100 toneladas. A soma dos dois anos ficou no limite inferior do esperado pelo mercado. Já as inspeções de exportação foram melhores, atingindo a 1,28 milhão de toneladas na semana encerrada em 29/08.

Aqui no Brasil, mesmo com a atuação do Banco Central, o Real continua muito desvalorizado, oscilando entre R\$ 4,10 e R\$ 4,20 por dólar. Este fato, associado a manutenção de prêmios interessantes em nossos portos mantém firmes os preços médios da soja.

O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 77,62/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 83,00 e R\$ 83,50/saco. Nas demais praças os lotes giraram entre R\$ 72,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 83,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 82,50 no centro e norte do Paraná; R\$ 76,00 em São Gabriel (MS); R\$ 75,00 em Goiatuba (GO); R\$ 79,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 77,00/saco em Pedro Afonso (TO).

O mercado brasileiro, apesar de preços bem melhores neste momento, esteve lento durante a semana, pois já não há muita soja da safra velha disponível. E para a safra nova, os produtores esperam preços ainda melhores, o que dependerá muito do câmbio no Brasil e das negociações comerciais entre EUA e China. Neste último caso, é fato que, diante da quebra da atual safra estadunidense de soja, as cotações em Chicago deveriam estar bem mais elevadas caso não houvesse o conflito comercial entre os dois países.

Enfim, vale destacar que os prêmios nos portos brasileiros fecharam a primeira semana de setembro oscilando entre US\$ 1,15 e US\$ 1,40/bushel, demonstrando estabilização nestes níveis nas últimas semanas.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago acabaram recuando durante a semana, mais curta nos EUA devido ao feriado do Dia do Trabalho, o qual se comemora na primeira segunda-feira de setembro naquele país. O primeiro mês cotado fechou o dia 05/09 em US\$ 3,46/bushel, contra US\$ 3,59 uma semana antes. A média de agosto ficou em US\$ 3,76/bushel, contra US\$ 4,27 em julho e US\$ 3,58/bushel em agosto de 2018.

Ajudou a dar certa sustentação ao mercado, no início da semana, o anúncio do governo estadunidense de que estaria preparando um pacote econômico para ajudar a produção de etanol pelos produtores dos EUA. Como se sabe, o etanol naquele país é feito a base de milho, fato que permite imaginar um maior consumo do cereal caso o pacote venha a ser lançado.

O clima continua normal no Meio Oeste estadunidense, com algumas regiões acusando uma pequena redução no regime de chuvas. Neste sentido, o mercado especula quanto ao que poderá ser a produtividade e a produção final, já que também aqui há fortes divergências estatísticas entre a iniciativa privada e o governo. Assim, espera-se o relatório de oferta e demanda, previsto para o dia 12/09, para dirimir as dúvidas.

Enquanto isso, as vendas líquidas estadunidenses de milho, para 2018/19, que terminou em 30/08, atingiram apenas 2.500 toneladas na semana encerrada em 22/08. Para o novo ano 2019/20 o volume atingiu a 858.900 toneladas. O mercado esperava um total entre 550.000 e 1,05 milhão de toneladas. Por sua vez, as inspeções de exportação atingiram a 355.411 toneladas na semana encerrada em 29/08, ficando este volume bem abaixo do esperado pelo mercado, que era de 650.000 toneladas. No acumulado do ano comercial 2018/19 o volume ficou em 47,17 milhões de toneladas, contra 57,74 milhões no fechamento do ano anterior. Ou seja, houve um recuo superior a 10 milhões de toneladas.

Já as condições das lavouras de milho estadunidenses na atual safra, que ainda neste mês se inicia a colher, melhoraram um pouco mais, chegando em 1º de setembro a 58% entre boas a excelentes, 29% regulares e 13% ruins a muito ruins.

Na Argentina, a tonelada FOB de milho caiu para US\$ 141,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 125,00.

E no Brasil os preços se mantiveram relativamente estáveis, com leve viés de baixa em algumas praças. A média gaúcha fechou a semana, no balcão, a R\$ 32,68/saco, enquanto os lotes registraram valores entre R\$ 37,50 e R\$ 39,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 23,00/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 38,50/saco nas regiões produtoras do centro e oeste de Santa Catarina.

A paridade de exportação continua sendo o elemento central no mercado brasileiro, fato que depende diretamente do câmbio e de Chicago. Se, por um lado, as cotações internacionais se mostram fracas neste momento, por outro lado o câmbio no Brasil dá sustentação às vendas externas. A desvalorização do Real, mesmo estancada pelo Banco Central, se mantém entre R\$ 4,10 e R\$ 4,20 por dólar fato que estimula fortemente as exportações em geral e do milho em particular.

Mesmo assim, isso não impediu que os preços no porto de Santos, que estavam entre R\$ 38,00 e R\$ 38,50/saco no início da semana, recuassem para níveis entre R\$ 36,00 e R\$ 37,00 no final da mesma.

Por outro lado, as exportações de milho pelo Brasil, em agosto, atingiram a 7,65 milhões de toneladas, tendo uma excelente performance. Em continuando assim até janeiro/20, inclusive, boa parte da oferta da safrinha recorde será escoada e haverá menos produto em estoque, fato que pode segurar os preços do cereal nos atuais níveis. A partir de janeiro será o andamento da nova safra de verão que definirá o rumo destes preços, porém, como salientamos no comentário passado, há uma tendência de redução de área semeada, o que pode ser um fator altista para o mercado.

Enfim, neste momento espera-se que o Brasil exporte 36 milhões de toneladas de milho no atual ano comercial, sendo que os mais otimistas chegam a indicar 38 milhões de toneladas. Em sendo assim, os estoques finais do cereal, em 31/01/2020 ficariam entre 12,5 e 14,9 milhões de toneladas, contra 12,3 milhões no final do ano anterior. Vale ainda salientar que as exportações, se confirmado tais volumes, seriam entre 11 a 13 milhões de toneladas superiores ao realizado no ano comercial passado. Ao mesmo tempo, o consumo interno de milho deverá crescer para 69,6 milhões de toneladas, contra 65,3 milhões um ano antes. Tal consumo está sendo particularmente puxado pela produção de etanol e pela indústria de rações animais. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago igualmente recuaram nesta primeira semana de setembro. O primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (05) em US\$ 4,64/bushel, contra US\$ 4,69 uma semana antes. No dia 03/09 o primeiro mês cotado chegou a bater em US\$ 4,47/bushel. A média de agosto ficou em US\$ 4,75, contra US\$ 5,06 em julho e US\$ 5,38/bushel em agosto de 2018. Portanto, assim como a soja e o milho, o trigo igualmente vê suas cotações em Chicago recuarem nestes últimos dois meses.

O mercado sofreu pressão baixista da oferta mundial, já que a competitividade do trigo estadunidense se mostra mais fraca em relação ao produto concorrente. Com grande oferta mundial, o produto estadunidense não encontra tanta procura, forçando queda

de preços em Chicago. Neste sentido, a Rússia e sua boa safra, além da produção da Europa Ocidental e da região do Mar Negro colocam o trigo dos EUA em dificuldades.

Neste contexto, as vendas líquidas de trigo por parte dos EUA, para o ano 2019/20, iniciado em 1º de junho, atingiram a 661.700 toneladas na semana encerrada em 22/08. Mesmo sendo 37% acima da média das quatro semanas anteriores, consolidando-se como o melhor resultado do ano comercial, não foram suficientes para elevar os preços. Já as inspeções de exportação de trigo igualmente se mostram melhores nesta arrancada do novo ano comercial, atingindo um acumulado, até o dia 29/08, de 6,55 milhões de toneladas, contra 5,26 milhões em igual período do ano anterior.

Este quadro, apesar de insuficiente, ajudou, pelo menos, a segurar as cotações do cereal em Chicago nos atuais níveis. Além disso, até o dia 1º de setembro a colheita do trigo de primavera, nos EUA, atingia a 55% da área contra uma expectativa do mercado em 57%. Em igual período do ano passado tal colheita atingia 86% da área, sendo que a média histórica é de 78% para esta data. Ou seja, a colheita de trigo de primavera está bastante atrasada naquele país.

No Mercosul, a tonelada FOB de trigo para exportação fechou a semana entre US\$ 210,00 e US\$ 220,00, enquanto a safra nova argentina caiu para US\$ 170,00 na compra.

No Brasil, os preços começaram a sentir os efeitos da colheita no Paraná, embora em muitos locais ainda sejam valores de referência. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 41,45/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 46,80/saco. Nas demais praças nacionais os lotes recuaram para valores entre R\$ 51,00 e R\$ 52,50 no Paraná, enquanto em Campos Novos (SC) vieram a R\$ 48,90/saco. Já no balcão o Paraná registrou valores entre R\$ 44,00 e R\$ 47,00/saco, enquanto em Santa Catarina o saco do cereal ficou entre R\$ 41,00 e R\$ 45,00. Portanto, nestes dois Estados, valores mais baixos do que os registrados até a última semana.

Há perdas nas lavouras de Minas Gerais, São Paulo e Paraná devido às intempéries, especialmente geadas, porém, as mesmas ainda não estão totalmente quantificadas. No Rio Grande do Sul, de forma geral, por enquanto o quadro ainda é positivo, embora existam perdas localizadas. Resta saber se o frio deste início de setembro no Estado causou algum prejuízo.

Especificamente no Paraná, segundo o Deral, a colheita atingia a 12% da área até meados da corrente semana, estando bem adiantada em relação ao ano anterior. As condições das lavouras voltaram a piorar, havendo agora 11% em más condições, 38% regulares e apenas 51% entre boas a excelentes. Neste último caso houve um recuo de quatro pontos percentuais em relação ao quadro da semana passada. Mesmo assim, em relação ao ano anterior, a situação é bem melhor já que neste momento do ano havia 22% das lavouras em condições ruins, 36% regulares e 42% boas a excelentes.

Além do clima, ajuda aos preços não recuarem tanto, pelo menos por enquanto, o fato de que o câmbio mantém o Real bastante desvalorizado. Isso encarece as

importações, mesmo com a desvalorização importante do peso argentino nestas últimas semanas.

No geral, a pressão da colheita nacional, embora as quebras de safra, deve reduzir os preços locais do trigo nestas próximas semanas. Todavia, o recuo pode não ser muito intenso devido a uma safra possivelmente menor do que o esperado, mais uma vez, além do comprometimento da qualidade do grão, assim como em função do Real desvalorizado, caso o mesmo continue em torno dos atuais níveis (se o peso desvalorizar ainda mais do que o Real aí a situação se inverte e a importação volta a ficar mais interessante). Dito isso, não se pode esquecer que a partir de meados de dezembro a colheita na Argentina se inicia e a safra deste ano será melhor, havendo muito trigo para exportação. Neste momento, a safra nova do vizinho país, na exportação, está sendo indicada ao equivalente de R\$ 40,00 a R\$ 41,00/saco FOB ao câmbio de hoje.

Enfim, a nova safra brasileira de trigo já foi reduzida, estando agora estimada, por enquanto, em 5,57 milhões de toneladas, contra 5,2 milhões no ano passado, sendo que as importações nacionais do cereal estão projetadas em 6,5 milhões de toneladas para 2019/20, contra 7,25 milhão no ano anterior. Em termos de produção, o Paraná teria um volume de 2,75 milhões de toneladas, o Rio Grande do Sul 1,98 milhão e Santa Catarina 200.000 toneladas. Estes três Estados somados corresponderiam a 88% da produção nacional de trigo neste ano. (cf. Safras & Mercado)